

editorial
editorial

entrevista
interview

artigos submetidos
submitted papers

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projeto
project

expediente
credits

próxima v!rus
next v!rus

V!17

issn 2175-974x | ano 2018 year
semestre 02 semester



Igor Guatelli é arquiteto, Doutor em Filosofia Moderna Francesa. Professor pesquisador adjunto da graduação e Professor do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisador Associado do Laboratório GERPHAU-ENSA Paris-La Villette e Université Paris 8. Líder do grupo de pesquisa Cidade e Arquitetura e Filosofia. Estuda desconstrução, filosofia pós-estruturalista, condensadores urbanos, novos processos de territorialização.

Como citar esse texto: GUATELLI, I. Co, essa máquina imperfeita. VIRUS, São Carlos, n. 17, 2018. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus17/?sec=2&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 16 Dez. 2018.

ENTREVISTA REALIZADA EM 27 DE NOVEMBRO DE 2018

Marcelo Tramontano Igor, eu gostaria que começássemos falando das palavras participar e colaborar de um ponto de vista etimológico. Quando escolhemos esse tema para esta edição da V!RUS, demos bastante ênfase para o "+" que as une, que indica tudo aquilo que pode ser capaz de conectar esses conceitos. Gostaria de ouvir você sobre isso.

Igor Guatelli Estes conceitos "participar", "colaborar" e o sinal "+" sugerem que, em um primeiro momento, ocorre um desmembramento para que possa haver um remembramento. Esse expediente me interessa porque essa disjunção da palavra foi algo muito explorado pela filosofia com a qual eu trabalho. A obra de Jacques Derrida, sobretudo, se desenvolveu em torno dessa disjunção, desse desmembramento e remembramento, dessa produção de lacunas, e, ao mesmo tempo, da possibilidade de um espaçamento como ressignificação, como campo de remembramentos que extrapolam o sentido convencional dos termos.

Por tal estratégia, que constitui uma manipulação não apenas etimológica mas topológica das palavras, esse espaçamento afasta e avizinha os termos ao mesmo tempo. Quando ele os afasta, desmembra as palavras, iniciando a construção de novas vizinhanças semânticas. Essa estratégia é um campo bastante fértil para começarmos a pensar para além dos significados e sentidos mais convencionais, o chamado senso comum. E essas duas palavras que você sugere - participar e colaborar - desmembradas, em um primeiro momento, e lembradas a partir da inserção da adição, me colocam em um campo bastante interessante que talvez seja o trabalho do vínculo.

Podemos pensar de que maneira esse vínculo pode surgir a partir de uma desarticulação daquilo que parece uno, que parece ter um sentido fechado, conclusivo, constituindo, de algum modo, uma verdade. Podemos levar esse pensamento para o campo da arquitetura e da cidade. Podemos discutir, dentro da nossa *expertise*, essas verdades que parecem permanecer, historicamente, relacionadas à cidade e ao campo da arquitetura, parecendo ser próprias de um e de outro. No momento em que esse desmembramento ocorre, há a possibilidade de uma tessitura para além daquilo que tomamos como algo *a priori*, como uma verdade já colocada, muitas vezes nos eximindo de pensar.

É como se, nesse processo de aceitação dos termos atrelados ao significado majoritário e dominante, estivéssemos desobrigados de pensar, dada a estabilidade do próprio conceito e do seu significado. No momento em que você o desmembra e sugere um aprofundamento etimológico, um estudo sobre as palavras

ali desarticuladas, cada uma constrói seu próprio campo de significâncias e significações. Tenho a impressão de que, ao se acrescentar o sinal de adição, torna-se possível não apenas um remembramento da própria palavra mas uma possibilidade de adesões semânticas e de significados advindos desse remembramento.

Se levado para a arquitetura, para a cidade, o urbano, o que significaria esse trabalho de dissecação, desmembramento, desarticulação, visando o enriquecimento daquilo que parece já estar dado, solidificado, estabilizado em um entendimento e uma compreensão, e que é onde, muitas vezes, construímos nosso conhecimento e interpretações de mundo sem nos interrogarmos sobre possibilidades ainda inexploradas com relação a este mínimo elemento? Eu poderia chamar a palavra de um mínimo elemento. O que nós exploraríamos ainda como potencialidade de significação, Derrida chamou de polissemia, um jogo polissêmico em relação ao que já nos está dado como verdade.

Assim, esse sinal "+" aparece, para mim, como uma adição. Não apenas uma tentativa de remembramento da própria palavra, desses fragmentos que surgem, mas uma adição de todos os novos possíveis significados que vêm junto nesse processo de remembramento. Aproximando-me um pouco de [Gilles] Deleuze, eu diria que pode haver, em um primeiro momento, um corte de um fluxo. Um fluxo que já está dado no significado do termo, de entendimento quase naturalizado pela palavra - essa palavra que traz a sua verdade, seu significado. Esse corte no fluxo dado pelo desmembramento pode significar novas fruições ao se trabalhar com possíveis remembramentos: novas fruições semânticas e de significados. Esse corte no - e do - fluxo naturalizado é a chance de novos fluxos desviantes e de agenciamentos inesperados em relação a esses significados, que vão sendo agregados e explorados por nós através daqueles fragmentos.

Além disso, esse sinal "+" significa adição, que, em um jogo etimológico, pode se transformar em "addict", dependência. A soma de partes deve se dar em um nível a ponto de garantir um grau de autonomia das partes unidas. Do contrário, há o iminente risco da dependência e, portanto, de algum tipo de hierarquia.

MT Na chamada da revista, temos, nas palavras participar e colaborar, tanto o sinal "+" quanto dois pontos: *parti.cipar+co.laborar*. Lendo-as a partir da perspectiva que você oferece, e pensando em novos significados que possam emergir dessa leitura, o que chamaria mais a sua atenção?

IG Talvez a própria ideia de esgotamento, que aparece ali de alguma maneira. Um trabalho onde o esgotamento semântico consistiria na chance de neutralização de uma verdade ou de um estado dominante. Seria a possibilidade de emergência de algo ainda inexplorado, do que poderíamos chamar de um acontecimento da própria palavra, ou da própria situação, se trouxermos para o nosso campo de atuação.

Derrida tinha uma expressão - *feu la cendre* - que, em tradução livre seria a ideia de "queimar até as cinzas". Essa ideia tem relação com o trabalho de esgotamento: um processo de se incendiar o próprio termo, a própria palavra e, a partir de suas cinzas, ver nascer novas montagens ou remontagens, novas possibilidades que podem surgir a partir das cinzas ou desses fragmentos. Isso tem relação com o anjo da história de [Walter] Benjamin, quando ele utiliza o quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee, para falar da modernidade, uma tempestade da modernidade, produtora de ruínas. Para Benjamin, é a partir dessas ruínas que emerge a possibilidade de uma remontagem, do exercício de outras montagens. Outras realidades possíveis poderiam, assim, emergir dessas cinzas.

Outra coisa que me chama a atenção, nessa manipulação etimológica e topológica das palavras e dos termos, é o prefixo "co", que nos mantém no campo do vínculo. Colocarmo-nos "co", junto de algo, é, por exemplo, a possibilidade de um exercício de afastamento de nossas próprias subjetividades. Ao nos abirmos para o diálogo, seja com um outro ou com algo além daquilo com o que já trabalhamos, seja em um movimento transdisciplinar, interdisciplinar, em uma transrealidade, há uma contaminação de campos, de mundos, de seres que, ao meu ver, representa um enriquecimento.

Não entendo o "co" como uma adesão completa, mas como uma junção necessária de individuações para que haja essa contaminação de mundos. Esse trabalho, porém, envolveria atritos. Não é uma junção perfeita, onde as diferenças se anulariam ou apagariam, mas onde, justamente, os atritos aflorariam. Esse "co" junto com esses atritos indica a possibilidade da construção. Não se trata apenas de validação, não é só a confirmação ou o abandono do meu mundo em prol de outro mundo, mas é precisamente a partir do trabalho, do atrito, dessa junção problemática, que talvez possam emergir uma terceira, uma quarta, ou outras inúmeras possibilidades.

Esse trabalho do "co" representaria, assim, uma possibilidade de afastamento em relação àquilo que eu já tenho como verdades em meu mundo já consolidado, isto é, um campo de domínio já consolidado. No processo de contaminação, existe uma chance não só de emergência mas talvez de caotização de alguns mundos, uma caotização semântica capaz de provocar uma complexidade ainda maior do próprio pensamento e da própria realidade. Não deixaria de ser um trabalho de des-criação de uma realidade já dada. De alguma

maneira, esse "co" também representa um "des" porque, ao estar contaminado por um outro, talvez constitua a chance de descriação de uma das realidades, ou de ambas, para a construção de outras realidades.

MT Seria possível participar e colaborar sem que se tenha escolhido participar e colaborar? Penso aqui em formas de participação quase compulsórias, como a geração não consentida de informações para sistemas computacionais *online*, ou mesmo formas de estar na cidade e ser não intencionalmente coadjuvante de várias coisas que acontecem no espaço público. Do seu ponto de vista, isso constituiria uma colaboração, uma participação?

IG [Martin] Heidegger dizia que nós não pensamos o mundo, mas que é o mundo que nos dá a chance de pensar. Então aquilo que chega para mim de repente - muitas vezes em um *insight* [desvelamento, revelação e encobrimento ao mesmo tempo] ou em um grau de imprevisibilidade tal que não supõe uma escolha anterior -, aquilo que em um certo momento me cativa e me mobiliza, traz a chance de pensar, e de pensar para além do que eu já penso. Seria como pensar o impensável.

Portanto, eu diria que, sim, é possível um trabalho de colaboração, de "co" junto de algo, desde que represente um instante de mobilização. Caímos aqui em um tempo intempestivo, de intensidade deleuzeana, o tempo que [Gilles] Deleuze chama de aiônico, que de algum modo me ativa, mesmo que eu não esteja esperando por ele, mesmo que eu não esteja selecionando o que eu deveria considerar ou não, nem aquilo de que eu deveria me aproximar, mas é o que chega para mim, de repente. Em uma linguagem heideggeriana, podemos dizer que isso chega como uma possibilidade de clareira, uma clareira do ser, pois traz um *insight*. Através desse momento, desse *insight*, apresenta-se a chance do morar, o tempo da permanência, suficiente para um trabalho, mais lento, de construção de algo.

Estamos aqui nos movimentando, portanto, em dois tempos: um é o tempo da chegada de algo, com uma intensidade que possibilita um *insight*. É o tempo do estranhamento, como o *Unheimlich* de [Sigmund] Freud, capaz de provocar em mim um certo estranhamento. O outro é o tempo da moradia, esse tempo mais lento em que eu me permito pensar e construir algo a partir daquilo que chega.

MT Em um trabalho de colaboração, ou seja, nesse processo de des-criar realidades e de construir realidades antes talvez imprevistas, em tempos simultâneos e distintos, como podemos abordar a questão da autoria, tão cara a áreas que lidam com processos criativos?

IG Eu não estou aqui operando em um campo de idealidades, mas diria que todo trabalho que envolve esse "co", esse "estar junto de/com", constituindo uma co-autoria, não deveria de imediato pressupor uma adesão total. Para se construir outros possíveis entendimentos e interpretações de mundo, é necessário que haja uma fricção, um atrito, como também é necessário haver um certo abandono de posições. Uma nova posição que surge com a junção não é de domínio nem de um, nem de outro. É um domínio ainda por vir, como se entrássemos em um processo de devir ao nos associarmos a alguém ou alguma coisa.

Em uma co-autoria, nenhum dos campos prevaleceria um em relação ao outro, nem sequer haveria uma tentativa de junção apaziguadora desses mundos, pois trata-se de um trabalho de imbricações do pensamento, possíveis pela fricção. A partir daí, há chance de enriquecimento no trabalho colaborativo emergente dessa co-autoria, ou co-participação. O "co", como processo não totalmente aderente entre partes, seria a aposta em um processo envolvendo dissidências, misturas, hesitações, visando a construção de realidades ainda tateantes.

É como uma sinapse que articula ao mesmo tempo que separa, garantindo aquele espaçamento derridiano. Essa sinapse, esse hífen, é aquilo que cria uma conexão mas também garante uma lacuna, um espaçamento. E essa lacuna é um vazio vital para que alguma coisa surja na construção desse vínculo, desse processo mais lento de diálogo, de co-autoria, de junção.

Foi por isso que eu comecei falando da disjunção. O vínculo - essa sinapse, essa articulação - precisa ser uma proximidade e representar um avizinhamo de mundos mas, ao mesmo tempo, garantir uma separação desses mundos que entram em contato. Não deveria haver uma adesão total a ponto de se apagar as diferenças. As rusgas, esse trabalho de diferimento, são fundamentais no processo de diálogo e na participação.

MT Poderíamos dizer que, no âmbito da construção da cidade, é a partir desse vínculo que poderiam surgir emergências?

IG Eu aposto muito nisso, nessa articulação de mundos que parecem não-possíveis - mundos "impossíveis". Para deslocar lugares, situações e dinâmicas da cidade de suas evidências mais banais e visíveis, aposto na proximidade e articulação daquilo que não parece compatível, mesmo que traga um grau

de incerteza quanto aos resultados. Interessa-me muito o desajuste nesse ajustamento. Essa máquina não pode transformar-se em uma máquina funcional porque ela tem um grau de desfuncionalidade, não é perfeita. Ela não é perfeita no trabalho da nossa razão, no nosso mundo racional e ideal - do *ideo-logos*, talvez de uma ideologia, de pressupostos -, pois a articulação entre seus elementos seria problemática por conectar mundos ou elementos aparentemente díspares.

Esse processo construiria uma máquina não utilitária - e aí sim estou operando no campo maquínico de Deleuze -, cujo funcionamento não se conhece muito bem, e nem o que ela pode produzir, pois isso tampouco está dado. Então que elementos seriam esses na cidade, no urbano, que, se aproximados, se articulados, ou seriam de tal maneira que a junção não perfeita entre eles traria uma possibilidade de hiatos, ou de um funcionamento capaz de fazer emergir imprevisibilidades?

Essa máquina não é, portanto, construída para produzir algo que já conhecemos. Trata-se de uma produtora de imprevisibilidades, mas de maneira também não totalmente aleatória. Há, nela, uma chance de construção de algo, digamos, com pontas soltas, cuja unicidade não é garantida. Seria a produção de uma dinâmica ruidosa que, através dessas pontas soltas, poderia ver emergir outras dinâmicas. Estou falando de um campo rizomático que pode surgir a partir dessas junções mal feitas, inadmissíveis em nosso grau de idealidade, da razão. São junções ainda não vislumbradas, não dadas como possibilidade, mas que talvez possam constituir campos a ser explorados.

Se Deleuze entende o capital como uma máquina molar, uma macromáquina, então eu aposto bastante no vínculo, na articulação - que conduz à emergência - dessas micromáquinas produtoras de micropolíticas, microrealidades, ou seja, de outras realidades que não são as que nós já conhecemos. Digo isso tendo em mente as máquinas do escultor Jean Tinguely, que são geringonças cujas articulações não são previstas e não criam uma consonância. Eu diria que são articulações dissonantes, que não se ajustam perfeitamente e que, em princípio, não servem para nada, na nossa visão utilitarista e funcional. Mas há uma chance grande de que um campo lúdico - no melhor e mais potente sentido da palavra - emerge dessas máquinas não funcionais, não utilitárias, como, por exemplo, as máquinas de Tinguely.

O que seria esse trabalho da junção, dessa união problemática, ruidosa de elementos díspares, dessas multiplicidades? Essas engrenagens não parecem produzidas para serem ajustadas, mas para um trabalho atritado. Há nelas uma junção disjunta, compondo uma máquina disfuncional, e justamente a partir disso há chance do campo lúdico, não capturado pelo labor. Seria um outro labor, lúdico, que se situaria em outro fragmento do labor - *labore* -, da colaboração. Um labor onde a autoria, ou co-autoria, não seria movida por um objetivo colocado *a priori*, mas constituiria simplesmente um jogo da colaboração, da articulação, de se estar junto, de permanecer junto o tempo para se produzir algo. Não para se atingir algo, alcançar algo, mas simplesmente para o processo de se produzir algo.

Esse trabalho, que eu situaria no campo do lúdico, não é o trabalho da alta produtividade aplicável, de resultados, segundo a lógica de mundo na qual estamos inseridos, mas uma aposta em um trabalho lúdico, um jogo, no melhor sentido do termo, onde os fins não são uma meta: o fim vai sendo construído durante o próprio processo, e talvez nem haja esse fim.

MT Esse labor, mais voltado ao processo do que ao produto, tem também uma outra vertente, seu lado doloroso, que talvez se perceba na noção de conflito que você mencionou.

IG Sim, quando eu falo em atrito e em um trabalho no qual não se pressupõe uma adesão imediata e completa das partes, estou falando de um trabalho doloroso. Trata-se de um trabalho em que há a dificuldade, que traz a possibilidade de um avanço em relação àquilo que já conhecemos, a um mundo no qual já operamos com uma certa facilidade, no qual já sabemos transitar por ser um meio já conhecido. Então esse trabalho doloroso, atritado, seria a condição fundamental para a construção lenta e problemática de algo consistente, porque justamente pressupõe uma certa luta, um envolvimento e um avanço, que não são fáceis. Esse termo "doloroso" precisa ser entendido como um campo rugoso, não alisado, que vai provocar atritos.

MT Como então pensar o "co", o "fazer com" e o "fazer junto" em Arquitetura e Urbanismo?

IG Toda a minha produção intelectual sempre foi no sentido de me afastar das minhas subjetividades, entendidas aqui como leitura e avaliação das coisas a partir de um ponto de vista meramente pessoal. Sempre foi uma tentativa de me abrir em diálogo com outros campos do conhecimento. Quando você me apresenta o colaborar e esse exercício do "co", do "estar junto de", "estar com", penso que se trata de um trabalho fundamental para o arquiteto e urbanista. Esse profissional é, muitas vezes, um profissional ensimesmado, que opera com suas próprias subjetividades, um demiurgo ou um deus *ex-machina* que imagina ter sempre a solução para determinado problema, por se considerar auto-suficiente.

Meu trabalho, ao contrário, sempre foi um trabalho no qual a produção cognitiva, do entendimento ou de possíveis interpretações da nossa realidade, ou reposicionamentos da nossa profissão e campo de atuação vieram a partir do "co", do "estar junto de", de um trabalho de se colocar em diálogo. E, muitas vezes, em um diálogo transdisciplinar, interdisciplinar, para além do que parece ser próprio da nossa área.

Esse diálogo não é próprio da arquitetura, não é próprio do urbanismo. Nós só deixaremos de matar lentamente nossa profissão se reconhecermos a contaminação que a arquitetura e o urbanismo são capazes de promover. Uma contaminação de mundos a partir de diálogos transdisciplinares, sugerindo outras realidades, outras possibilidades de mundo. São mundanidades de mundo ainda invisíveis talvez, insuficientes para nós, mas que, se trabalhadas à luz de, ou com, outros campos do conhecimento, outros entendimentos passam a ser possíveis. Nessas realidades, nós nos encontramos e nos apresentamos, muitas vezes, de forma fechada, unidimensional, por descartarmos, com frequência, o que parece ser impróprio à arquitetura e ao urbano.

Vejo isso no campo acadêmico, dentro da própria universidade. Não é próprio do arquiteto pensar filosoficamente o mundo, nem pensá-lo com a história - que é diferente de pensar historicamente -, com a filosofia, com a sociologia. Essa atitude, ao meu ver, é um empobrecimento da própria profissão e do nosso campo de atuação. Não é uma preservação: é um empobrecimento.

MT Deslocando agora um pouco o foco da nossa reflexão, percebemos hoje, no Brasil e, em particular, nas redes sociais *online* - e não sem uma certa surpresa -, resultados bastante desanimadores de esforços, empreendidos ao longo de décadas, para se construir, na sociedade, a noção de participação, de colaboração, de se estar e fazer juntos, de se abrir um pouco mão de projetos pessoais em prol do comum. As redes são, talvez, o *locus* onde acreditávamos que essa colaboração poderia se fazer de forma mais plural, melhor conectando grupos que dificilmente se conectam no espaço concreto, mas o que vemos hoje é que, gradualmente, esses grupos se entriçaram. Por essa ótica da participação+colaboração que estamos discutindo aqui, poderíamos dizer que as redes espelham atritos dolorosos, que ocorrem na escala de uma nação?

IG No campo político, temos visto uma adesão por consonâncias. Existem grupos que vão se formando e construindo suas articulações a partir de um objetivo já dado. As próprias bancadas parlamentares são, para mim, uma expressão máxima disso. Já existe uma intenção colocada *a priori*, e essas pessoas se organizam e se constituem como uma máquina forte o suficiente para viabilizar aquilo que já está colocado, aquela meta. Do ponto de vista da razão instrumental, portanto, tudo ali deve ser feito para que se atinja aquele fim, e não importam os meios. Esta é uma modalidade de adesão de grupos, de construção desses diálogos, mas talvez o problema esteja justamente aí, em se construir uma integração já regulamentada, que já existe de alguma maneira.

Mesmo em grupos que surgem como micropolíticas - muitas vezes micropolíticas de resistência e contestação em relação às macropolíticas -, essas integrações são feitas de forma vertical, usando um termo de Milton Santos, onde há uma hierarquia, uma regulação e uma regulamentação. Eu não vejo aí, de forma alguma, uma integração. Uma integração, ao meu ver, tem como premissa o questionamento dos pressupostos, ou do que está pré-suposto, e um trabalho a partir de suposições e posicionamentos que vão emergir durante o próprio processo. Esses pressupostos não podem estar colocados por alguém de antemão, bastando às pessoas aderir ou não.

O que eu estou querendo enfatizar é justamente o contrário disso. Estou falando de um trabalho de vínculo e de uma colaboração onde as suposições, ainda insuficientes, não constituem pressupostos. Seriam posições que ainda merecem uma construção mais demorada, mais sólida, mais complexa, o que significaria, tomando novamente Milton Santos, uma horizontalização dessa colaboração. O atrito, os desvios, as lacunas vão surgir se os objetivos não estiverem colocados a priori. Se colocados desde o início, há um movimento da obediência, de um certo assujeitamento do sujeito em relação a esses pressupostos. Não é através da obediência e do assujeitamento que se vai construir uma colaboração mais efetiva. Este processo continuará sendo o de um trabalho hierárquico, como sempre existiu na lógica capitalista, na lógica econômica de mundo. Só começamos a construir um processo de colaboração mais horizontal, menos vertical, quando algo surge em um instante, motivado por alguma situação que não estava colocada de antemão, algo capaz de gerar mobilização e colaboração na autenticidade do momento.

Para [Michel] Foucault, existe uma diferença grande entre agenciamentos coletivos de enunciação, onde, a partir do coletivo se enuncia algo, e agenciamentos de enunciação do coletivo. O primeiro, em um certo sentido, é aquele em que, a partir do coletivo, se enuncia alguma coisa, e o segundo, ao contrário, é aquele em que, a partir de enunciados, se produzem coletivos. Eu prefiro apostar nesses agenciamentos coletivos capazes de enunciar alguma coisa.

MT Uma última pergunta: o futuro lhe parece promissor?

IG Eu sou leitor de [Friedrich] Nietzsche, e a vontade de potência de Nietzsche era tão mais forte, quanto maior a dificuldade. Esse exercício da potência, esse "além do homem" - ao contrário do homem assujeitado, o homem já apaziguado -, não seria um super-homem, o que é um mal entendimento. Esse "além do homem" seria o exercício de uma potência, ainda que nós não saibamos que a temos. E o exercício dessa potência vem com as dificuldades. Não é a toa que Nietzsche nos convidava a caminhar na noite e não na luz. Não no dia ensolarado, mas na noite.

Promissor? Eu vejo um país que se apresenta para nós, a partir de agora, com enormes dificuldades a serem trabalhadas e enfrentadas, e talvez agora sim nós poderemos ver a capacidade, a vontade, o exercício de uma potência. Talvez uma potência que nós ainda não tivemos oportunidade de exercitar, e, quem sabe, ainda sequer a conheçamos. Eu diria que é um tempo sombrio, mas, de algum modo, um meio adequado para o exercício dessa potência como resistência, como ato de criação, como recriação de realidades, como reposicionamentos, como um outro labor. Um labor doloroso, mas, por isso mesmo, um labor mais potente.